



Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA

Às Margens: Entre o rio e a cidade

As margens: Entre o Rio e a Cidade

Cadernos de TC 2017-1

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Maryana de Souza Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, E. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Maryana de Souza Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Maquete

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e História

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Anderson Ferreira da Silva Jorge, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, e. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira

(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quarta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2017/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: **LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO**. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final. A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: *Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete*.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Alexandre Ribeiro Gonçalves
Maryana de Souza Pinto
Pedro Henrique Máximo



A partir das considerações tomadas através do estudo do lugar, e levando em consideração o potencial gerador de vida urbana que as margens de um rio possui, este projeto não tem a intenção de criar um novo espaço público para a cidade de Anápolis, e sim, requalificar um lugar que já é consolidado e inserido no meio urbano, investindo em novas infraestruturas e programas, para devolver o potencial econômico, turístico, social e de lazer do Rio das Antas, cenário de toda a nossa discussão.

A requalificação, visa garantir à região do Bairro Vila Góis potencial atrativo, através de um Parque Linear que garantirá a preservação das marginais e a integração do usuário com o meio ambiente.

Às Margens: Entre o rio e a cidade



Luiz Eduardo Moreira Alves

Orientador: Pedro Henrique Máximo



AS MARGENS
entre o rio e a cidade

Quando analisamos a relação existente entre o Rio das Antas e a cidade de Anápolis, torna-se evidente a problemática que envolve esse curso d'água. A discussão a respeito do assunto fortalece a necessidade de adquirirmos uma postura que resgate os seus valores e evidencie a sua importância.

Todos os fatores encontrados para justificar a necessidade deste projeto, são problemas que podem existir em qualquer centro urbano. A falta de conscientização quanto à preservação, o uso indevido das margens, o desrespeito com a história, sua canalização e as construções sobre o seu leito, são fatores que apagam o real valor de um rio, privando a população da possibilidade de estabelecer um contato direto e saudável com a paisagem natural das cidades.

Por outro lado, esses fatores podem ser considerados como uma oportunidade de oferecer para Anápolis um equipamento público de qualidade, que concentre questões ambientais, sem desprezar as questões sociais, trazendo benefícios econômicos, ambientais, culturais, sociais, ou, até mesmo, turísticos, se utilizados como partido para diretrizes projetuais eficientes.

A proposta apresetada aqui tem como principal objetivo devolver as margens, entre o rio e a cidade, à paisagem que é sua por natureza.

LEGENDAS:
[f.1] Rua Goiás -
Córrego das Antas -
Vila Góis. Fonte: José
Carlos Potenciano,
2016.



ANÁPOLIS

VILA GOIS

Onde?

O LUGAR QUE SUGERE O TEMA

A área de intervenção está localizada no Bairro Vila Góis, na cidade de Anápolis [f.2], que é um município brasileiro do estado de Goiás situado no Planalto Central. A cidade está a 60 km da capital goiana e a 152 km da capital federal, constituindo um poderoso eixo econômico/populacional. Sendo a maior cidade industrial e centro-logístico do Centro Oeste, devido à implantação do Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA, 1976), a cidade acolhe diversos tipos de usos que atendem, mesmo de forma precária, ao constante crescimento populacional.

Integrado a esse cenário urbano, o Bairro Vila Góis está localizado no lado sul do Setor Central de Anápolis, e, segundo o Plano Diretor, surgiu a partir da terceira expansão do lugar, no ano de 1967. A criação do bairro, que é formado por diversas vilas, está inteiramente ligado a Estação Ferroviária de Anápolis, que foi o ponto inicial de toda a urbanização da cidade, e responsável pelas primeiras e mais importantes expansões, e também a implantação do DAIA, que trouxe para o lugar a necessidade de possuir um parque, por estar localizada entre as principais vias de acesso ao Distrito Agroindustrial. Assim, o Parque Onofre Quinan, também inaugurado no ano de 1976, pode ser considerado parte importante da história e crescimento da cidade.

Sendo cortado de uma ponta a outra pelo Rio das Antas, que é totalmente canalizado, trazendo para o lugar problemas de saneamento básico e ambientais, o bairro não recebe comércios variados que se destaquem dentro da cidade, acolhen-

do somente alguns comércios locais (Panificadoras, Mercearias, açougues...) e a Famosa Feira da Marreta [f.3], que é o comércio de revenda e troca de carros e motos usados mais conhecido da cidade, fazendo parte da área de intervenção.

Segundo BARBIERI (2008) os rios urbanos que já vinham passando por transformações a partir da intensa urbanização de 1950, tem sua condição de deterioração agravada com a precariedade do saneamento básico e com a ocupação irregular de suas margens, o que confirma os problemas dessa área. Em um trecho, as margens do Rio forem ocupadas de forma irregular, sofrendo, atualmente, com o abandono de diversas residências, que dão lugar a marginalização e ao comércio de drogas. Em outro trecho, o Rio desaparece e dá lugar a Feira da Marreta, que ocupa sua superfície canalizada.

Entendendo as deficiências do bairro, percebemos que o maior agravante da situação é o fato de o lugar ser alvo de esquecimento por meio do poder público e da própria população, que prefere usufruir dos equipamentos urbanos de outras áreas da cidade do que exigir uma melhoria do que está dentro do próprio bairro.

Levando em consideração essa observação, a área foi escolhida pensando no potencial que possui e no bem público que pode se tornar para a cidade, se requalificada e ambientada de forma eficiente. O objetivo da escolha é integrar a marginal da Rua Goiás ao Parque e a Feira da Marreta, e, assim, levar o bairro até o conhecimento e admiração de toda a cidade.

LEGENDAS:
[f.2] Mapa de Anápolis. Fonte: Google Earth, 2016.

Observando os acessos a área, podemos identificar a Avenida Brasil como o principal acesso, sendo uma artéria que liga diversos bairros da cidade e concentra o maior fluxo de carros durante todo o dia. Esta Avenida é responsável por guiar diretamente o usuário de Sul a Norte, passando por alguns dos principais pontos de interesse público. É através da Avenida Brasil que a área recebe o maior número de usuários e é através dela que os habitantes locais se encaminham para outras regiões, através do transporte público, que é eficiente, ou com transporte particular, responsável por criar, em alguns cruzamentos que não são bem resolvidos urbanisticamente, congestionamentos constantes.

O Bairro Vila Góis também conta com uma das ruas mais importantes da Região Central, a Rua Engenheiro Portela, que possui caráter comercial e de prestação de serviço, sendo responsável por evacuar grande parte do trânsito do Centro e guiar o usuário até a Avenida Brasil, passando dentro da Vila Góis. Essa rua é a principal ligação entre o bairro e o Terminal Urbano, o que garante acesso direto, fácil e rápido através do transporte público.

A Área também pode ser acessada pela popular Avenida Contorno, cuja extensão "contorna" os limites do Setor Central e faz ligação com áreas públicas importantes, como o Ginásio Internacional Nilton de Faria, a Prefeitura e o Teatro Municipal, além de dissipar o trânsito recebido para a Avenida Goiás e posteriormente para a Avenida Pedro Ludovico, que é o acesso direto para a saída da cidade rumo a Goiânia, e acesso importante para o DAIA.

Esses acessos integram um sistema viário de traçado ortogonal irregular, decorrente dos diferentes parcelamentos do solo feito por etapas e sem planejamento. Esse traçado favoreceu a implantação de grandes quadras e, posteriormente, outras pequenas que parecem se "encaixar" umas nas outras. Podemos perceber que algumas ruas, implantadas antes do parcelamento do solo, delimitam e desenharam as quadras, criando uma diversidade de tamanho, forma e curvatura.

De acordo com o Plano Diretor da cidade de Anápolis, podemos encontrar três tipos de vias que compõem o Sistema Viário do Bairro Vila Góis:

As primeiras são as vias de caráter Arterial, que recebem o trânsito pesado e são responsáveis por fazer a ligação do bairro com diversas regiões da cidade, sendo a principal delas o Bairro Jundiá, utilizado pela maioria dos moradores como centro de lazer, convivência e esportes. Em alguns pontos, principalmente nos cruzamentos que dão acesso ao lugar, encontramos longos períodos de engarrafamento, pois são horários de pico ao longo de toda a cidade, ocasionando trânsito lento no acesso à área de intervenção.

Temos também algumas Vias Coletoras, caracterizadas por facilitar a movimentação de uma região à outra, já que possuem acesso direto ao Setor Central e conseqüentemente as demais áreas. Podemos encontrar nelas, em poucos períodos, o trânsito um pouco lento no final da manhã, geralmente nos horários em que as escolas liberam os alunos. As vias Coletoras acolhem o transporte público, estando ligadas as vias arteriais, guiando o veículo para dentro das quadras.

Por último temos as Vias Locais, pouco movimentadas, se tornando quase desertas à noite, já que o lugar não possui nenhum comércio de relevância para a vida noturna da cidade. Não possuem nenhum tipo de ligação, sendo utilizadas apenas por veículos particulares, dissipados pelas Vias Coletoras.

Algumas regiões do Bairro são compostas por vias locais estreitas e extremamente inclinadas, devido à topografia de fundo de vale que é característica de toda a extensão da área de intervenção. As maiorias das ruas são estreitas, sem infraestrutura para captação de águas pluviais, o que ocasiona constantes enchentes e alagamentos nas áreas baixas próximas ao Rio. Também são de difícil acesso ao pedestre, devido à apropriação inadequada do solo pelas edificações, o que gera calçadas desniveladas e sem acessibilidade.

LEGENDAS:
[f.3] Mapa de estudo do entorno - Vila Góis.
Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

-  Via Arterial
-  Via Coletora
-  Via Local
-  Marginal
-  Forte Engarrafamento
-  Médio Engarrafamento
-  Baixo Engarrafamento

FEIRA DA MAREETA



Às margens: Entre o Rio e a Cidade

Essa falta de acessibilidade é predominante em toda a área, devido às características naturais da topografia, que cai cerca de 20 metros em direção ao Rio das Antas. O lugar é condicionado devido a essa inclinação, que não consegue ser vencida na apropriação do solo de algumas residências, ocasionando grandes desníveis.

GOUVÊA (2008) recomenda o tratamento desse tipo de topografia com vegetação abundante nas zonas de maior inclinação, em especial, com a implantação de parques urbanos nas proximidades das nascentes e leitos, criando sempre que possível, nessas áreas, centros de esporte, lazer e convivência, o que não acontece em nenhum trecho dessa área. A forma incorreta da apropriação, que se deu desde o início, justifica parte dos problemas enfrentados.

O futuro Projeto visa desapropriar as áreas de ocupação irregular e de risco [f.4], que integram os locais de maior desnível topográfico. A ideia é relocar as habitações irregulares presentes para uma área segura e com maior infraestrutura, compondo uma habitação social eficiente, com o intuito de requalificar as margens do Rio e garantir o fim das erosões.

Os lotes vazios que se concentram ao longo da marginal são outro problema para o lugar, já que não possuem barreiras que impeçam a entrada de usuários de drogas, reforçando a criminalidade ao longo do eixo. Já que a área tem o potencial comercial pouco explorado, possuindo uma

concentração residencial que é predominante [f.5], o que garante público, esses lotes vazios podem entrar na requalificação através de uma política de diversificação do uso do solo, trazendo novos usos para o trecho e garantindo maior movimentação e segurança.

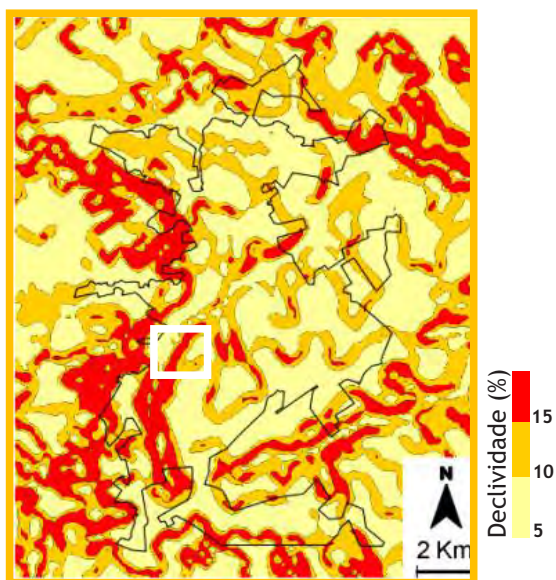
Quando se trata de permeabilidade, esses lotes desocupados ao longo das quadras [f.5], embora ajudem a filtrar as águas pluviais, não são suficientes. Prova disso é os constantes alagamentos na marginal da Rua Goiás, que não possui permeabilidade adequada e recebe as águas de todas as ruas acima que não tem infraestrutura eficiente.

Algumas quadras sofrem com a falta de iluminação pública comum entre quarteirões [f.4], principalmente nas vielas estreitas onde o carro quase avança a calçada. São quadras pequenas com as ruas mais estreitas, o que atrai uma constante sensação de perigo, afastando ainda mais o pedestre da convivência com o entorno.

Em relação aos espaços públicos, é evidente a precariedade e a insuficiência na área de intervenção, por isso a escolha da mesma. A única praça eficiente do lugar é a Cônego Trindade [f.7], e, embora sua revitalização tenha sido de grande importância para a Vila Góis, o espaço é reduzido em relação ao número de usuários ativos. Com poucos mobiliários e pouca vegetação de sombra, a Praça é pouco frequentada, pois não supre as necessidades locais, se tornando um lugar simbólico dentro do bairro.

É através desta questão, da simbologia que a Praça Cônego Trindade se tornou para o bairro, que podemos analisar o problema ocasionado pelo abandono do Central Parque, que poderia suprir todas as necessidades de lazer, esporte e cultura que a área possui, e atender até mesmo outras áreas da cidade, como acontece com o Parque Ipiranga, que se encontra relativamente próximo da área de intervenção. Mas o que se encontra, é somente mais um lugar simbólico para o bairro e para a cidade. O parque deixou de ser utilizado, de fato, pela população, pois permanece cheio de problemáticas.

- Área de Intervenção
- ⬮ Perímetro Urbano de Anápolis

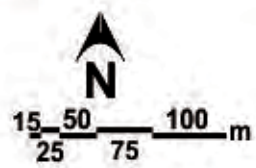
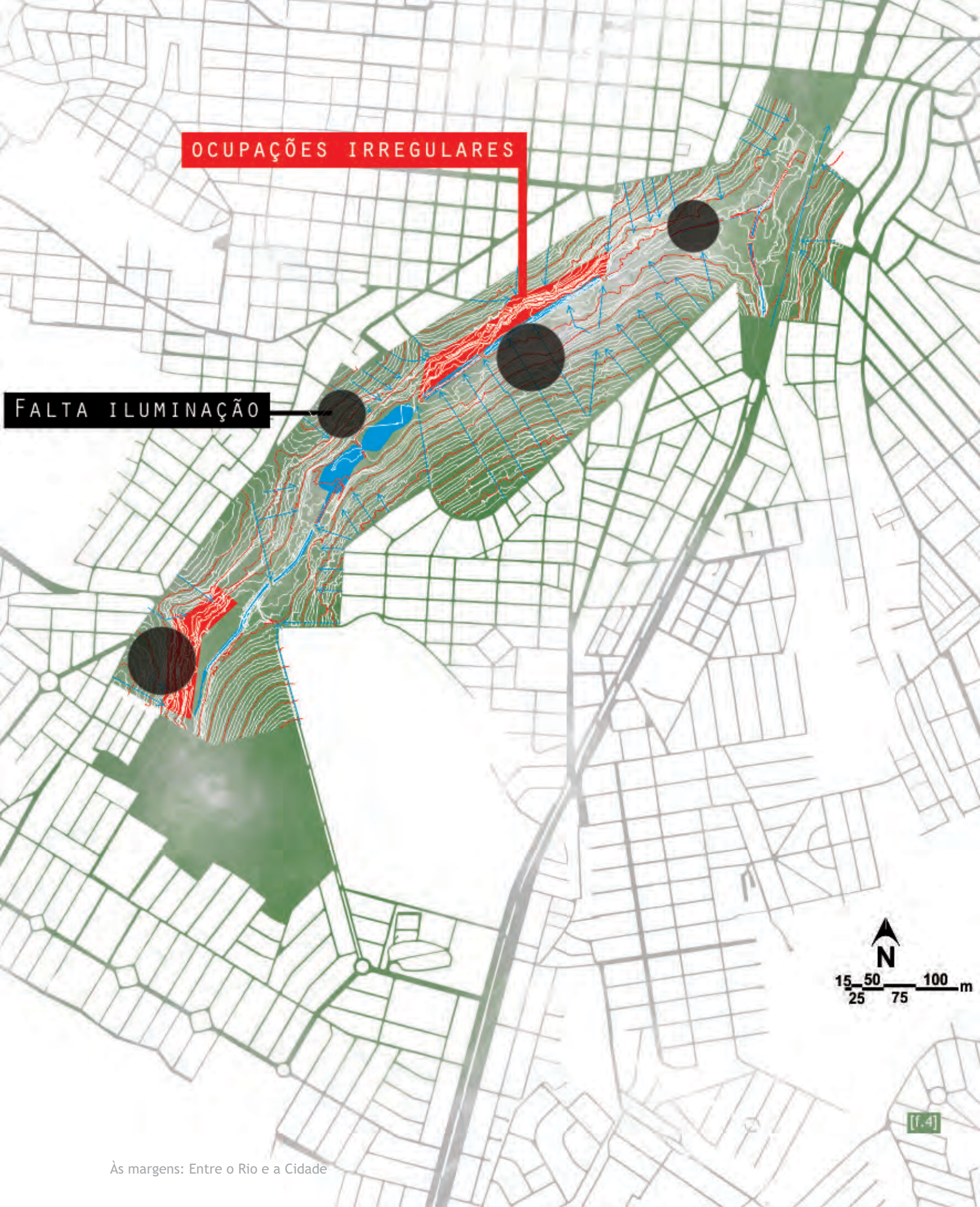


LEGENDAS:
[f . 4] Mapa de Topografia da área de intervenção- Vila Góis. Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

→ Direção do escoamento das águas pluviais.

OCUPAÇÕES IRREGULARES

FALTA ILUMINAÇÃO



(f.4)

É através desta questão, da simbologia que a Praça Cônego Trindade se tornou para o bairro, que podemos analisar o problema ocasionado pelo abandono do Parque da Juventude Onofre Quinan [f.9], que poderia suprir todas as necessidades de lazer, esporte e cultura que a área possui, e atender até mesmo outras áreas da cidade, como acontece com o Parque Ipiranga, que se encontra relativamente próximo da área de intervenção. Mas o que se encontra, é somente mais um lugar simbólico para o bairro e para a cidade. O parque deixou de ser utilizado, de fato, pela população, pois permanece cheio de problemáticas.

Das 12 pessoas entrevistadas na Praça Cônego Trindade, 8 utilizam o Parque Ipiranga e 4 utilizam o Parque da Liberdade para lazer e esportes, quando procuram espaços livres e públicos para esse fim. Como justificar essa informação sem levar em consideração uma área tão extensa, maior que os dois parques frequentados, abandonada e sem dignidade dentro do próprio bairro?

Mas os problemas da área não estão concentrados somente na temática de espaços públicos. Na Vila São Joaquim, que faz divisa com a Vila Góis, e nas proximidades da marginal, encontramos ruas sem nenhum tipo de infraestrutura de saneamento básico ou sistemas para escoamento das águas pluviais, sofrendo em períodos críticos do ano [f.8].

Conhecendo um pouco da história do senhor Avelar (57 anos) [f.16], entrevistado no dia 12 de março de 2016, a região onde ele habita se revela completamente indigna de ocupação [f.9]. Casas com 10 foças de esgoto ao longo do Rio das Antas e outras que despejam diretamente no leito transformam o lugar em área de calamidade. A falta de rede de esgoto não é o único agravante. O mato alto no fundo das casas junta lixo e empoça as águas que escorrem das casas e da rua. O governo, sem intenção de investir no lugar, propõe a desocupação, mas a população resiste desejosa de um projeto urbano que faça do lugar uma parte requalificada e sadia da cidade.

A área de intervenção possui todos os usos previstos [f.9]. A predominância é residencial desde sua criação, o que potencializa a proposta de um parque linear urbano. Apesar de possuir potencial pela proximidade com o Centro, o comércio é local e não influencia na dinâmica comercial da cidade. Os prestadores de serviços estão localizados próximos a Av. Brasil, já que é a artéria que atende diversas áreas da cidade, sendo de fácil acesso e locomoção. O principal uso noturno se encontra ao redor da Praça Cônego Trindade, característico desde sua criação. É composto por restaurantes e bares, trazendo vida e movimento apenas para esse ponto específico.

LEGENDAS:

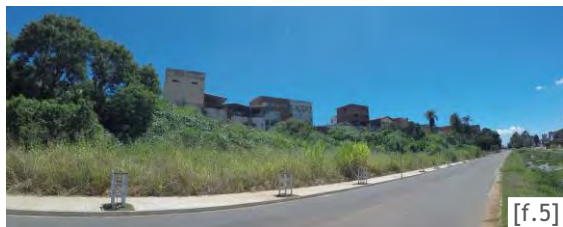
[f.5] Rua Goiás - Vila Góis. Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

[f.6] Feira da Marreta - Vila Góis. Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

[f.7] Praça Cônego Trindade - Vila Góis. Fonte: Jose Carlos Potenciano, 2016.

[f.8] Rua Marinalva - Vila São Joaquim. Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

[f.9] Mapa de estudo do entorno - Vila Góis. Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.



[f.5]



[f.6]



[f.7]



[f.8]

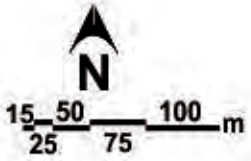
- Comercial
- Residencial
- Prestação de Serviço
- Institucional
- Misto
- Áreas Públicas
- Vazio / Subutilizado
- Área de Preservação



Uso Noturno

PARQUE ONOFRE QUINAN

CASA DO SR. AVELAR



[f.9]

LEGENDAS:

[f.10] Imagem Aérea Vila Góis - Vegetação. Fonte: José Carlos Potenciano, 2016.

[f.11] Imagem Aérea Vila Góis - Vegetação. Fonte: José Carlos Potenciano, 2016.

[f.12] Imagem Aérea Vila Góis - Vegetação. Fonte: José Carlos Potenciano, 2016.

[f.13] Imagem Aérea Vila Góis - Vegetação. Fonte: José Carlos Potenciano, 2016.

[f.14] Imagem Aérea Vila Góis - Volumetria. Fonte: José Carlos Potenciano, 2016.

[f.15] Mapa de estudo do entorno - Vila Góis. Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

A presença de Áreas de preservação ambiental [f.15] enriquece a paisagem das Vilas. Na grande maioria são árvores de grande porte, concentradas em núcleos dentro do parque (A) e na encosta da marginal (B). Essa concentração proporciona diversos espaços públicos sombreados, que, devido à falta de infra-estrutura e segurança pública, são desprezados e, por muitos habitantes, desconhecidos.

Podemos encontrar também, ao longo da marginal [f.10/12], diversos trechos de vegetação (B), que sombreiam o lugar, mas não oferecem espaços contemplativos e atraentes para acolher o usuário. Esse tipo de situação se entende ao longo de toda a área que, mesmo possuindo trechos geradores de encontros sociais, lazer e prática de esportes, não possui nenhum valor estético, desvalorizando o seu uso.

A área de intervenção se encontra quase totalmente ocupada, devido ao grande potencial residencial pela proximidade com o Setor Central de Anápolis. As edificações comerciais são geminadas, ocupando todo o lote e tendo único acesso pela fachada frontal. Essas edificações

trazem um adensamento construtivo diferente das residenciais [F.15], que possuem, na grande maioria, recuo frontal e lateral.

Os lotes vazios existentes estão localizados principalmente na proximidade do Rio, o que traz para as ruas uma pequena sensação de abandono, já que a maioria dos lotes vagos se encontram sem manutenção e cheios de mato.

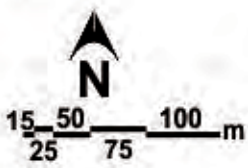
Por possuir um gabarito com edificações de pequeno porte, com apenas alguns edifícios verticais, a volumetria do lugar se torna quase linear, se não fosse a topografia acidentada. Os grandes edifícios se encontram mesclados às edificações mais comuns de um/dois pavimentos [f.14], não se tornando um obstáculo na visão geral da área. A volumetria varia com predominância entre 1 e dois pavimentos em quase todas as quadras, de acordo com o uso residencial unifamiliar ou misto. Os edifícios entre 3 e 6 pavimentos são de uso misto, possuindo comércio no térreo e residências nos demais andares. As torres verticais, entre 7 e 18 pavimentos são de uso residencial e prestação de serviço, localizadas das extremidades da área de intervenção.





Área Privada

OCUPAÇÃO DO LOTE



[r.15]



“ O meu nome é Manuel Gomes de Avelar, eu moro aqui nessa região ribeirinha há 26 anos. Sou aquele tipo de morador que estou sempre procurando o ministério público para interceder sobre a nossa região: drenagem de córrego, abater o mato, implantar o esgoto fisiológico e o esgoto fluvial.

Até hoje eu não sei porque estou aqui, sendo que, quando eu cheguei, era uma região completamente alagada à ermo. Eu moro aqui, e as vezes eu me pergunto: Porque que tem que ser eu?

As vezes nós somos mal entendidos, mas tem que existir nos poderes um plano diretor, porque sem a verba não tem como melhorar essa região que nós estamos. Então, eu acho que nós temos que ter uma condição de vida melhor, ate porque é aqui que criamos os nossos filhos, os meus netos, os meus vizinhos...

Nessas minhas reivindicações, pedi para que dessem ao nosso povo uma área de lazer, que é o Parque da Juventude Onofre Quinan, que hoje se encontra mais uma vez abandonado. O que eu quero dizer, é o seguinte: para que a melhoria aconteça, não é aquela que eles tem nos colocado. Porque eles tem falado em desapropriar a nossa região, porque aqui é área de risco. Mas, nós precisamos de pessoas que nos dê ajuda para que possamos crescer.

Eu quero que algo seja investido aqui. A nossa região precisa de infraestrutura, um projeto urbano de qualidade para que a gente tenha prazer de estar morando em uma área dignificada. Então, nós precisamos de um projeto que crie um espaço digno para que isso aconteça. ”

LEGENDAS:

[f.16] Manoel Gomes de Avelar, ENTREVISTADO. Fonte: Arquivo Pessoal, 2016..





Porque?
O RIO COMO BARREIRA

Visto que a sustentabilidade socioeconômica ambiental vem sendo considerada, cada vez mais, um fator essencial para assegurar a subsistência de gerações futuras (VEDOVELLO, 2009), se torna evidente a necessidade de recorrermos a novas intervenções urbanas capazes de oferecer a convivência e o respeito pelos rios e pelo espaço público, de forma que a própria população encontre nesta oportunidade o desejo de continuar preservando o que lhe foi dado.

Diante das questões sociais e ambientais que o Rio das Antas carrega, juntamente com a história e expansão da cidade, podemos perceber, através do contato com a população local, que, assim como no passado, a água ainda pode atrair o olhar dos que passam. Aliando esse fator a um programa de requalificação apropriado, é possível convencer o usuário a ficar, contemplar e utilizar o lugar.

Atualmente existem quatro principais espaços públicos implantados em Anápolis. São parques que influenciam tanto na dinâmica comercial quanto social da cidade, e é através deles que milhares de pessoas tem a oportunidade de encontrar o convívio e o lazer público que é de direito de todo cidadão, embora não tão eficientes quanto deveriam.

Os Parques: Ambiental Ipiranga [f.18], Antônio Marmo de Canedo [f.19], Liberdade [f.20], e o Parque da Cidade [f.21], são responsáveis por atender a uma demanda cada vez mais crescente de usuários que buscam maior qualidade de vida, lazer e esporte, influenciados pelo modelo de vida "Life Style" encenado na mídia em geral. Esse estilo de vida, que tira as pessoas do interior de suas casas e incentiva a prática de vida saudável em ambientes abertos e "naturais", faz dos parques urbanos locais de constante encontro e socialização, sendo responsáveis por atrair o comércio e a especulação imobiliária, atraindo cada vez mais o olhar da população que deseja ter acesso constante a esse tipo de equipamento.

Levando em consideração todos esses aspectos, ao observarmos a dinâmica de áreas públicas em Anápolis [f.22], percebemos

uma concentração de uso nos parques inseridos em um meio urbano com maior infraestrutura.

Este projeto de requalificação tem o objetivo de dar vida e devolver ao Parque Onofre Quinan o seu espaço dentro da dinâmica social da cidade, que foi apagado pelo abandono do poder público e pela falta de infraestrutura, por não ser considerado um "cartão postal" da cidade. A realidade do lugar tem se revelado cada dia pior, concentrando usos indevidos e afetando o dia a dia da população local.

Uma das razões que justificam e fortalecem a necessidade desta requalificação é a criação de um novo espaço público para Anápolis, e a concentração de usos no Bairro Jundiáí, após a implantação do Parque Ambiental Ipiranga (2010) (A), que abriga a infraestrutura de lazer, esporte e entretenimento mais eficientes entre todos os parques, e ganhou força para transformar toda a dinâmica do bairro e de diversas áreas da cidade.

Através do contato com os usuários do Parque Ipiranga, foi possível perceber que o mesmo é considerado um dos principais pontos de encontro para a população de diversos bairros da cidade. Por outro lado, o questionamento da população pela falta de outro espaço público de qualidade dentro da cidade, levanta questões problemáticas que configuram uma imagem diferente do parque: a população faz uso por ser bom e eficiente ou por ser o único?. Os constantes congestionamentos e a alta verticalização das construções carregam questões que nós fazemos pensar: porque não investir em outras áreas consolidadas da cidade?

Deixando de lado as problemáticas que envolvem o Parque Ipiranga, não é possível desprezar os diversos fatores favoráveis que a implantação do parque trouxe para o bairro, como a valorização do lugar, a preservação do meio ambiente e a diversificação no uso do solo, atraindo variados tipos de empreendimentos residências e comerciais. Esses aspectos favoráveis reforçam a importância que qualquer espaço público de qualidade pode exercer dentro do bairro e na cidade como um todo.

LEGENDAS:
[f.17] Feira da Marreta
- Rio das Antas - Vila
Góis. Fonte: Arquivo
Pessoal, 2016.

LEGENDAS:

[f.18] Parque Ipiranga - Anápolis GO. Fonte: José Carlos Potenciano, 2016.

[f.19] Parque Antonio Marmo de Canedo - MATINHA - Anápolis GO. Fonte: José Carlos Potenciano, 2016.

[f.20] Parque da Liberdade - Anápolis GO. Fonte: José Carlos Potenciano, 2016.

[f.21] Parque da Cidade - Anápolis GO. Fonte: José Carlos Potenciano, 2016.

[f.22] Mapa de Anápolis - Análise do raio de influência dos parques de anápolis. Fonte: Google Earth, 2016.

A - Parque Ipiranga
B - Parque da Cidade
C - Parque Antonio Marmo de Canedo
D - Parque JK
E - Parque da Liberdade
F - Parque Onofre Quinan

Em contrapartida, enquanto um espaço relativamente “novo” para a cidade ganha cada dia mais investimentos e o olhar atento por parte do poder público, devido ao seu potencial gerador de economia, encontramos parte da história sendo deixada para trás. Um exemplo disso é o descaso com o Parque Onofre Quinan, o segundo parque urbano da cidade de Anápolis (1976), principal trecho da área de intervenção (F), localizado na parte central da cidade, no Bairro Vila Góis. O lugar sofre com o abandono, já que se encontra em uma área pouco valorizada comercialmente, e a falta de manutenção o caracteriza, na opinião da própria população, como o espaço urbano mais perigoso e excluído da cidade, afastando cada vez mais os visitantes.

A definição do trecho de requalificação não foi em vão, pois não foi o tema que ocasionou a escolha do lugar, o próprio lugar sugere o tema.

Através do contato com os moradores do Bairro Vila Góis, onde se encontra o maior trecho de intervenção, se torna evidente a necessidade de se construir espaços que provoquem a curiosidade do morador para fazê-lo sair de sua casa e conviver em harmonia com a cidade através de um espaço público eficiente. Observando a dinâmica do lugar, é possível identificar a individualidade nas ruas, que permanecem vazias em diversos períodos do dia mesmo possuindo um Rio e um parque em sua extremidade. A justificativa dos moradores é a falta de atrativos que os

convidem para sair e interagir, já que o Rio se tornou uma barreira que impede o usuário de vivenciar o público, devido à marginalização que se instalou em suas margens devido ao abandono.

O caminho realizado ao longo do bairro, diariamente, desperta, em qualquer um que se interesse pelas problemáticas urbanas, as deficiências que margeiam a vida da população. Isso faz do lugar o próprio problema, justificando a inevitabilidade da intervenção.

A proposta de Parque Linear para essa região central da cidade tem como principais objetivos expandir a Área do Central parque, preservando a história e requalificando a paisagem e os espaços urbanos públicos ao longo do eixo do Rio, integrando-o ao restante da cidade e resolvendo parte da demanda de infraestrutura urbana, de circulação, de cultura e lazer que é exigida pela população.

O projeto respeita o objetivo principal dos espaços públicos, recriando uma relação harmoniosa entre as pessoas e a água, valorizando o bairro e o seu entorno, através de intervenções arquitetônicas e urbanísticas pontuais, como a implantação de equipamentos de lazer/esporte às suas margens, que incentivem a convivência e devolvam valor ao curso d'água. O Parque Linear foi escolhido como o elemento integrador da proposta de expansão e integração do Parque Onofre Quinan a marginal do Rio das Antas, aliado a um novo centro comercial, de modo que o parque alcance a cidade.



[f.18]



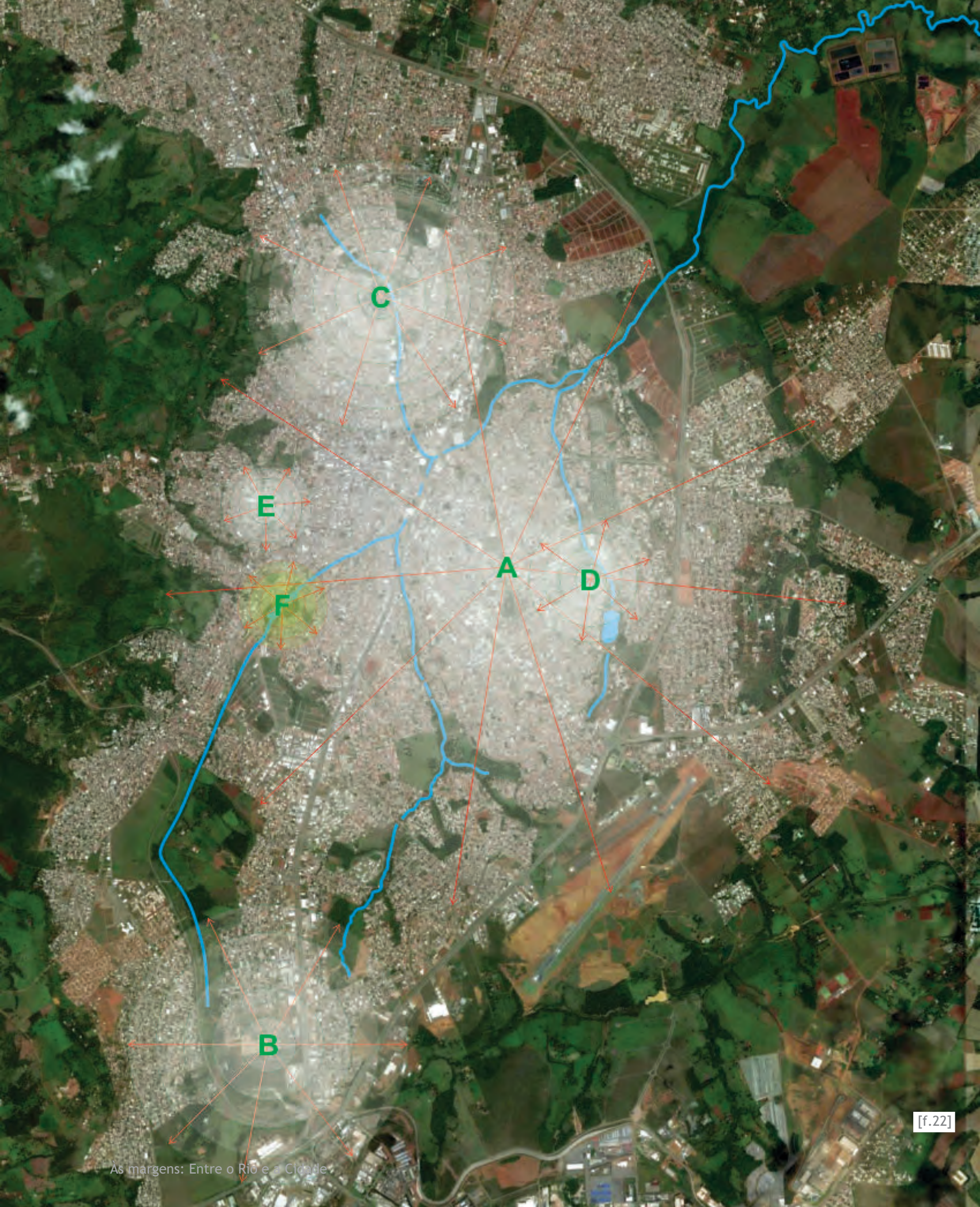
[f.19]



[f.20]



[f.21]



As margens: Entre o Rio e o Círculo



O PARQUE
elemento polarizador

No começo, era uma mata que margeava o Rio das Antas, com um lago e uma quadra de esportes implantados pelo Dr. Fanstone. A Vila começou a ser implantada quando o lugar ganhou acesso direto ao Centro da Cidade através da criação da Rua Engenheiro Portela. Em 1976, foram consolidados, de fato, os primeiros loteamentos da região e a área pública do Lago foi tomando formato de um parque, o que fortaleceu o lugar e fez da Vila uma região que, por muitos anos, foi um dos principais polos de lazer e socialização da cidade.

Em 2010, com os investimentos do bairro Jundiá e a implantação do parque Ipiranga, o parque foi abandonado pela manutenção pública, o que ocasionou o abandono também pelos usuários e posteriormente a colocação do alambrado, fechando-o para a visitação, perdendo o seu potencial gerador de convívio e dinâmicas urbanas, ocasionando o interesse de vendedores e consumidores de drogas pelo interior privado e protegido, que possui diversos lugares escondidos pela vegetação densa, responsável por abrigar, também, diversos tipos de animais, que aos poucos, começam a invadir as casas do entorno em busca de comida, já que o lugar ainda não possui uma política de preservação eficiente e ativa.

A proposta tem como principal objetivo devolver ao parque o valor que foi perdido, tornando-o, novamente, um polo de interesse público. No projeto, ele será o grande destaque, o ponto central que receberá todos os caminhos e para onde se direcionarão todos os acessos, tendo o edifício cobertura como o ponto central do encontro.

O entorno revitalizado o revelará como um grande rasgo de vida que segue o curso do rio em meio ao centro urbano, atraindo o público a percorrê-lo. Devido à sua localização central na área de projeto, ganha ainda mais importância, pois o que fará o usuário percorrer todo o caminho ao longo do Rio é o fato de poder chegar, contemplar e usar esse lugar, que deverá ser o grande ponto de encontro do projeto.

“COM A APROPRIAÇÃO OS USUÁRIOS TOMAM POSSE DO LUGAR, SIMBOLICAMENTE OU DE FATO.”
(ALEX, 2001)

Às margens: Entre o Rio e a Cidade

LEGENDAS:
[f.23]Parque Onofre Quinan - Vila Góis.
Fonte: José Carlos Potenciano, 2016.



A FEIRA
elemento catalizador

A Feira da Marreta começou a acontecer na Praça Bom Jesus, no Setor Central, mas com a demanda crescente de veículos foi realocada para o estacionamento do Estádio Jonas Duarte. Instalada no Bairro Vila Góis há 12 anos, a Feira da Marreta é o principal comércio de revenda e troca de carros e motos da Cidade de Anápolis. Estando localizada em cima do leito do Rio das Antas, em um espaço doado pela própria prefeitura, a feira conta com uma pequena cobertura e dois banheiros públicos. O espaço é insuficiente e as condições de uso são precárias, o que obriga os comerciantes a ocuparem as calçadas e a rua, transformando o lugar em um caos completo.

O seu uso (comércio/prestação de serviços) garante movimento e público somente durante os períodos diurnos, ficando completamente deserta e sem uso nos períodos noturnos. Essas características trazem, à noite, para o lugar, constantes assaltos, brigas de rua, encontro de consumidores de drogas e serve de dormitório para moradores de rua. Tudo isso aliado à falta de iluminação pública e policiamento.

Os estudos do lugar e a própria população, revelam a importância da Feira para o lugar, criando uma dinâmica que já faz parte da vida da população. O projeto tem como objetivo requalificar a Feira, fazendo dela o elemento responsável por continuar trazendo vida e movimento ao novo ambiente em que será inserida. A relocação, tirando a feira da rua e passando-a para dentro da quadra, garante uma nova política de diversificação do uso do solo, o que ocasiona a reformulação dos lotes e a criação de um novo centro comercial juntamente com a nova Feira da Marreta.

DO RIO QUE TUDO ARRASTA SE DIZ QUE É VIOLENTO,
MAS NINGUÉM DIZ VIOLENTAS AS MARGENS QUE O COMPRIMEM.
(BERTOLT BRECHT)

Às margens: Entre o Rio e a Cidade

LEGENDAS:
[f.24]Feira da Marreta
Sobre o Rio das Antas -
Vila Góis. Fonte: José
Carlos Potenciano,
2016.



O RIO
elemento integrador

A Área de intervenção é cortada pelo Rio das Antas, o mais conhecido curso de água no Município de Anápolis. Ele consiste na principal bacia hidrográfica do Município que conta com outras quatro.

É responsável por grande parte do traçado urbano do município, tendo sido o fator que gerou maior valor na concepção e desenvolvimento de Anápolis. Entretanto, alguns problemas se desencadeiam ao longo do Rio.

Quanto ao seu trajeto, que já foi canalizado com concreto (desde a Rua Engenheiro Portella, até o Andrancel Center), o Professor Luiz Henrique diz que o grande problema é o derramamento de esgotos sanitários e de empresas que lidam com substâncias derivadas de petróleo. Nesse percurso canalizado podemos observar erros ainda maiores, como as construções do Centro Administrativo, a Praça do Ancião, o Fórum Municipal e outros que estão, literalmente, em cima do leito do Rio.

Ele, que deveria integrar, segundo BARBIERI, um sítio atraente para assentamentos e referencia territorial, se tornou, ao longo da história, um empecilho para o crescimento urbano, tendo que ser escondido para que os edifícios pudessem ser erguidos. Esse tipo de ação apaga o verdadeiro sentido e valor de um curso d'água, que deve apresentar "propriedades outras, produtores de alimentos, corredores de circulação de pessoas e de produtos comerciais e industriais, corredores de fauna e flora, geradores de energia, espaços livres públicos de convívio e lazer, marcos referenciais de caráter turístico (...)" (BARBIERI, Rios e Cidades, 2008).

Deixando de lado toda a problemática, é visível o potencial urbanístico e gerador de riqueza que a área de intervenção possui, por estar integrado ao Parque Onofre Quinan e a Feira da Marreta por esse trecho do Rio que, um dia, deu vida a cidade. Assim, o projeto de parque linear ao longo das margens trás de volta a paisagem natural do Rio, apresentando-o novamente aos usuários e tornando-o o elemento integrador de todas as propostas, pois será responsável não só por preservar, mas também unir.

O MENINO TINHA CERTEZA
DE QUE HAVIA NASCIDO NO
DIA EM QUE VIU O RIO.
(...)
O MENINO AMOU O RIO
POIS ACREDITOU QUE O RIO
HAVIA TAMBÉM NASCIDO
NO MESMO DIA EM QUE
ELE O VIU.
(ZIRALDO)

LEGENDAS:
[f.25]Marginal do Rio
das Antas - Vila Góis.
Fonte: José Carlos
Potenciano, 2016.

A woman is shown from the waist down, wearing a vibrant floral top with pink, blue, and red flowers on a white background, and a dark grey skirt. She is holding a black umbrella with a gold Greek key pattern and a decorative top. The background is a bright, sunny outdoor setting with green trees and a blue sky with white clouds. A large, abstract watercolor splash in shades of green and white is overlaid on the left side of the image.

Para quem?
ALÉM DOS LIMITES

A área, como um todo, possui uma abrangência significativa de faixa etária. Por ser constituída de bairros predominantemente residenciais, podemos encontrar todos os tipos de usuários. Todos esses tipos devem conviver harmonicamente em um espaço projetado para acolher funções diversas. Essas funções (programa) são as responsáveis por dar à requalificação a característica, que segundo ALEX (2001), qualquer espaço público deveria ter: devem ser abertos e acessíveis, sem exceção, a todas as pessoas, com o principal objetivo de pertencer à cidade.

Porém, o projeto proposto não visa atender somente os bairros do entorno. Através da análise da cidade de Anápolis e de seus espaços públicos, compreendemos que o problema urbano afeta diversas outras áreas. São milhares de habitantes que necessitam de novos espaços, novas perspectivas e locais diversificados que atendam às suas necessidades. Foi possível perceber, através das entrevistas, que a população já não utiliza o Parque Ipiranga, ou o Parque da Liberdade, pelo fato de serem eficientes ou organizados, e sim, por serem os únicos.

“Mas esses espaços são insuficientes, não comportando, de forma confortável, a demanda crescente de usuários, se encontrando cada dia mais cheios e mais caóticos.” (Júlia Gama, 25 anos)

Por esse e por outros motivos existe a necessidade evidente de expandir o Central Parque da Juventude Onofre Quinan, eliminando suas grades, avançando os seus passeios em direção a cidade, e assim, alcançar o povo, entrar dentro das casas e convidar as pessoas para fora. O Parque possui esse potencial, podendo atrair qualquer tipo de usuário, pois era isso o que fazia antes.

Porém, agora, o projeto vai além, pois os limites do parque não são mais o suficiente para trazer de volta as pessoas. A desvalorização do lugar se torna cada dia maior, e o olhar atento da população deixa marcas que não podem ser apagadas somente retirando as grades. É preciso ir mais longe. Ganhar mais espaço. Com isso, requalificar esse lugar não significa somente devolver o rio à paisagem, significa devolver a paisagem a toda a cidade.

LEGENDAS:
[f.26]Adelaide Silva -
Parque Onofre
Quinan - Vila Góis.
Fonte: Arquivo
Pessoal, 2017.

“ANTES
ELE CONVIDAVA A GENTE PRA ENTRAR...”



...HOJE

ELE NOS OBRIGA A DAR A VOLTA.”

(MARA ANDRÉIA, 47, MORADORA DA REGIÃO)



LEGENDAS:

[f.27] Parque Onofre Quinan - Vila Góis.
Fonte: Prefeitura de Anápolis, 2009.

[f.28] Parque Onofre Quinan - Vila Góis.
Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

[f.28]



Como?

O PARQUE COMO CAMINHO
SEM BARREIRAS

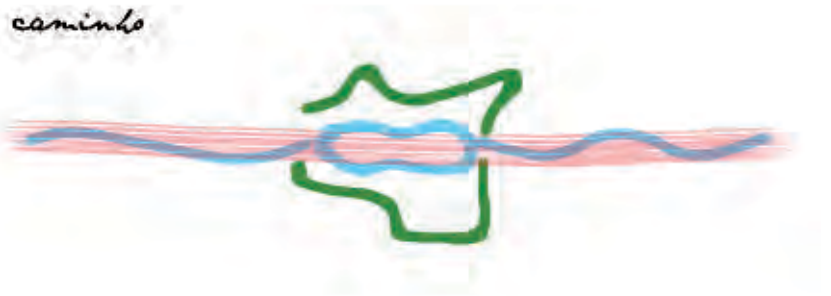
Analisando a história da concepção das cidades, é possível perceber que a relação que se construiu entre rios e cidades é muito antiga, levando em consideração que muitas cidades coloniais surgiram às margens dos rios, configurando-se, somente depois, em núcleos urbanos.

Segundo MACEDO (2003), antigamente, a ocupação das margens dos rios/Rios era vista como "natural", não havendo restrições para sua ocupação: indústrias, residências, plantações, estradas e avenidas foram construídas de forma predatória em relação aos cursos d'água, sem que houvesse uma conscientização ligada ao conceito de sustentabilidade ou então uma relação de proximidade entre o Rio e os habitantes da cidade.

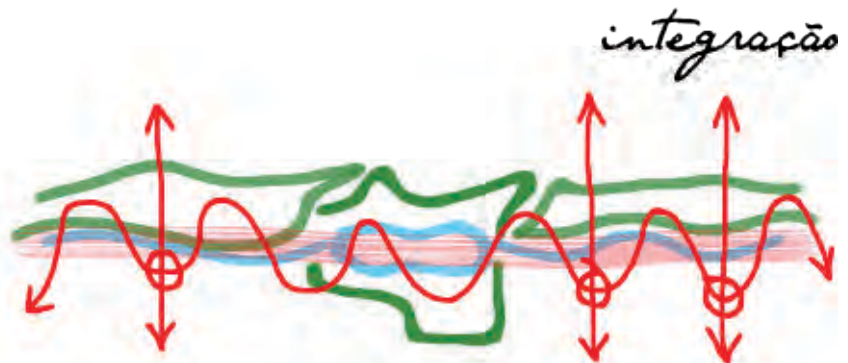
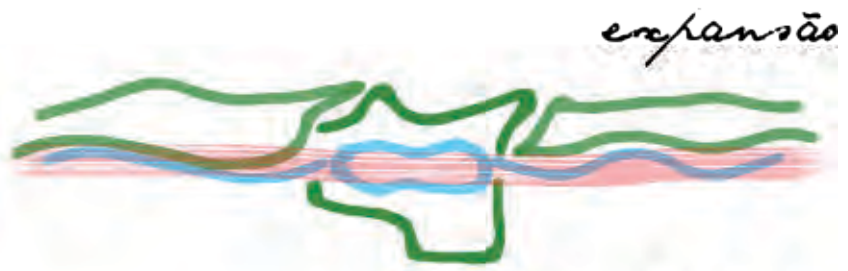
Atualmente, a realidade mostra que os rios/Rios tiveram suas margens ocupadas por habitações irregulares e suas águas transformadas em coletores de lixo, esgoto doméstico e resíduos industriais, quando os centros urbanos foram sendo totalmente ocupados pelas indústrias e pelo comércio, forçando a população mais carente a procurar as áreas afastadas da cidade e do domínio "burguês" que não os incluíam. Esse fator transforma o rio/Rio em um ponto negativo e desvalorizado de grandes cidades, como se fossem o grande causador dos problemas como: enchentes, congestionamentos e segregadores da paisagem urbana, pois é ele que "atrai" o abandono, o feio, os problemas e os delinquentes que utilizam de suas margens abandonadas para se refugiar. Consequentemente, numa tentativa de "esconder" esses problemas, o rio/Rio acaba desaparecendo dentro de canais sob as ruas, como aconteceu na cidade de Anápolis.

O conceito de parque linear escolhido para a elaboração deste projeto, carrega uma nova visão de parque, que deixou de ser o espaço delimitado por florestas ou calçadas para passeio, e passou a ser a continuidade do meio, o parque que se integra as quadras, o eixo linear de programas que visam atingir maiores dimensões.

Esta é a proposta do projeto: avançar os limites do Parque Onofre Quinan através das margens do Rio das Antas, e, assim, integrá-lo à Feira da Marreta e, consequentemente, ao restante da cidade.



São suas bordas carentes de uma incorporação eficaz, são ilhas interiores esvaziadas de atividade, são olvidos e restos que permanecem fora da dinâmica urbana. Convertendo-se em áreas simplesmente des-habitadas, inseguras, im-produtivas. (SOLÁ-MORALES. Terrain Vague, en Quaderns 212, Barcelona 1996)



DIRETRIZES



As diretrizes projetuais garantem a requalificação do meio em que o Rio está inserido, evidenciando o seu desenho e trazendo de volta o caráter gerador de vida social que se perdeu ao longo do tempo. Os projetos urbanos, aliados as propostas de parques lineares, devolvem a cidade os sinônimos de riqueza e poder que, segundo BARBIERI, os rios possuem.

PROGRAMA



LEGENDAS:

[f.30] Mapa de estudo do entorno - Vila Góis. Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

[f.31] Mapa de estudo do entorno - Vila Góis. Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

[f.32] Modelagem 3D - Projeto Parque Onofre Quinan. Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.



CONEXÃO

NATUREZA

CAMINHO LINEAR

Esta é a função primordial da intervenção urbanística proposta através deste projeto: trazer qualidade não apenas ao espaço utilizado, mas também à vida de seus usuários, pois essa deveria ser desde o princípio a vocação da área presentada pelo curso d'água. O Parque Linear ao longo do rio, garante a possibilidade de expansão ao longo da cidade, por ser uma proposta que se adequa a topografia do lugar, transformando o parque em um caminho fácil de ser percorrido.

O projeto tem como objetivo principal, solucionar os danos causados pelo abandono do Parque Onofre Quinan, devolvendo área pública a cidade. Com isso, alguns pontos levantados, ao longo do estudo, ficam como diretrizes projetuais a serem desenvolvidas em uma oportunidade breve.

ENCONTRO

CONTEMPLAÇÃO

CAMINHO CONTÍNUO

DESENHO ATUAL DO PARQUE



CAMINHOS

PLAYGROUND

QUIOSQUES

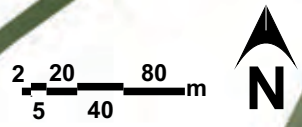
APP

LAGO

APP

ACESSOS PRINCIPAIS

- Considerações:
- Espaços desconexos
 - Caminhos sem planejamento
 - Acessos limitados em apenas uma extremidade do parque
 - falta de espaços contemplativos que valorizem a beleza do lugar
 - Mobiliário e espaços de convivência inexistentes
 - Falta de conexão entre os dois lados das marginais

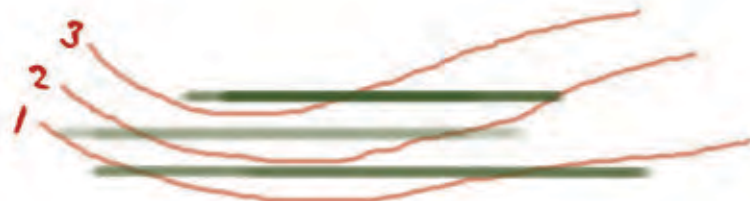


PROCESSO

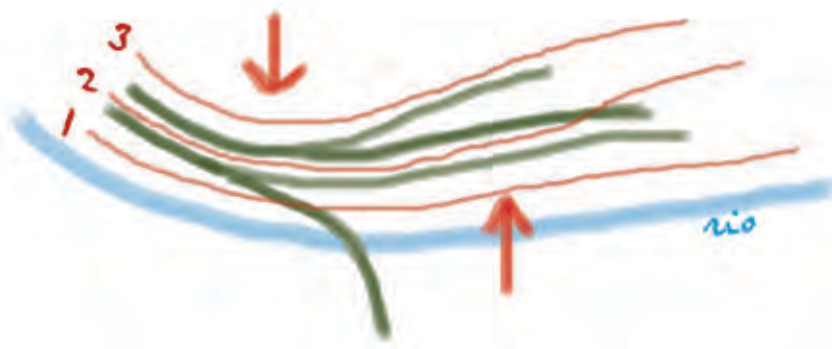
1 Partindo de três caminhos principais, com funções diferentes, o parque ganha uma continuidade de usos que atendem ao programa proposto. O posicionamento de cada caminho leva em consideração o seu uso, sendo o de **contemplação/encontro** na cota mais baixa, próximo ao rio. Já o **passeio comum**, sendo um caminho intermediário, faz conexão entre as propostas e guia o usuário ao longo de toda a extensão do parque sem interrupções. A **ciclovía** na cota mais alta aproxima o ciclista da mata, proporcionando um caminho de maior qualidade e afastando das áreas de estar e descanso, onde as pessoas possivelmente ficarão mais paradas, evitando possíveis acidentes.



2 Tendo em vista que a proposta do parque tem como principal objetivo **resgatar a paisagem natural** das margens, devolvendo ao lugar uma topografia mais harmônica com o entorno, os três caminhos contínuos propostos, quando inseridos nessas curvas, não se adequam ao lugar de forma a somar, pois se separam da topografia e se sobressaem de forma a tornar a divisão entre **espaço natural x espaço construído** nítida.



3 A solução encontrada foi inserir os caminhos na curvatura da topografia proposta para o terreno, e assim, possibilitando encontrar diversas possibilidades de agenciamento e conexões, todas partindo dos caminhos principais e levando para as diversas áreas do projeto, de um lado ao outro do rio. O desenho, quando adequado a topografia, trás para o lugar uma forma orgânica que harmoniza a sobreposição desejada entre **espaço natural x espaço construído**.



NOVA PROPOSTA

ACESSOS

REDÁRIO

QUISQUES

APP1

APP2


PISTA DE CORRIDA

EDIFÍCIO COBERTURA

PLAYGROUND

CICLOVIA





- Acessos posicionados em pontos diversos ao longo do parque, fazendo conexão com diversas áreas do entorno.

- O redário foi pensado como uma área arborizada que acolha os usuários para piqueniques, encontros e como uma área para descanso.

- Os quiosques são tirados de dentro da mata e posicionados no centro do parque, dando visão de todo o projeto.

- A pista de corrida foi proposta circundando toda a área de APP2, para ser contínua e proporcionar ao usuário uma experiência mais agradável.

- O edifício foi pensado para acolher propostas de eventos públicos, como convenções, palestras ou oficinas. A cobertura foi pensada para incluir eventos que possam agregar valor ao parque, como feiras, eventos beneficentes, exposições ou até mesmo aulas de exercícios funcionais abertos a população.

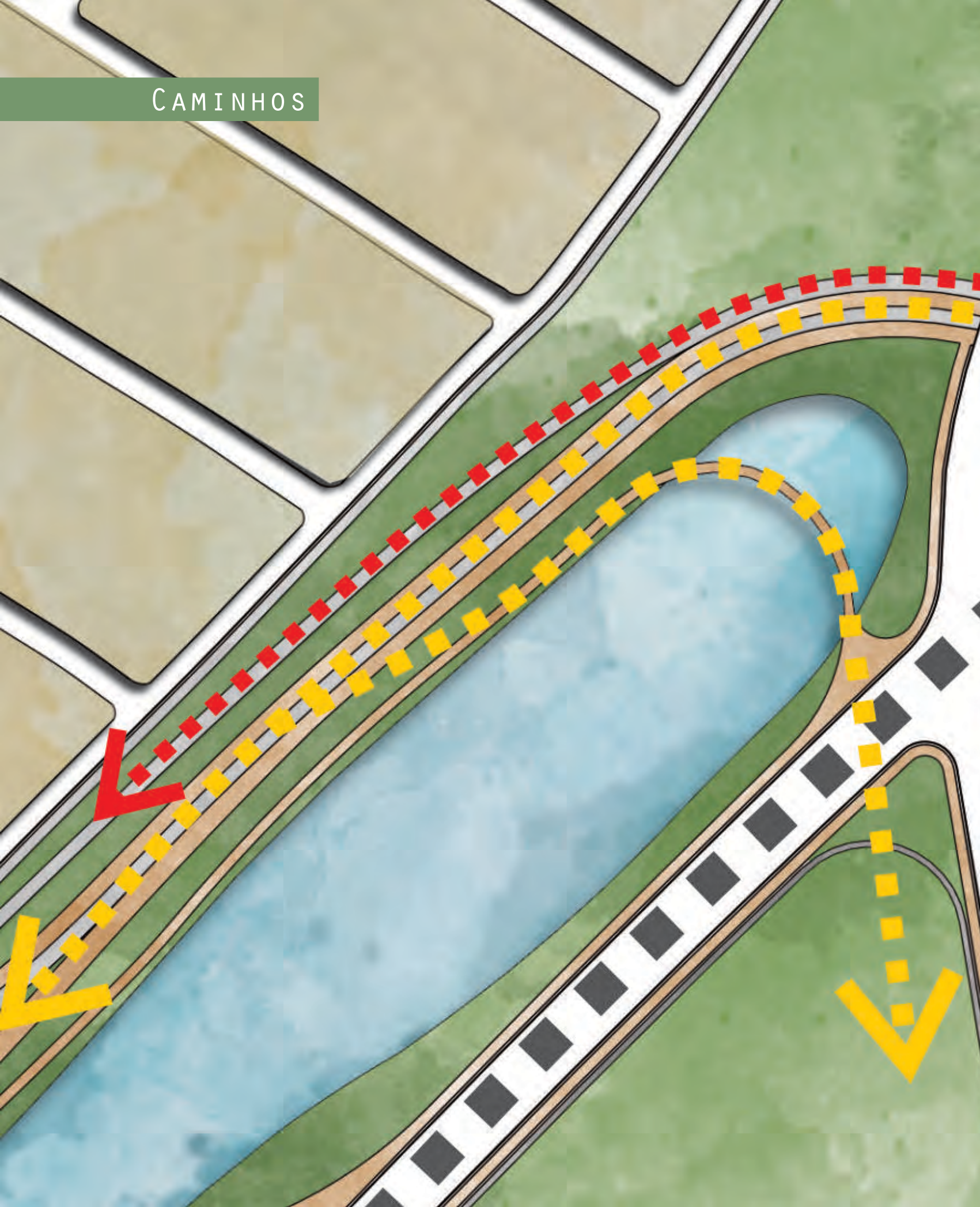
- A ciclovia abrange toda a extensão do parque.

- Playground locado na extremidade do parque, com conexão direta aos quiosques e ao edifício.

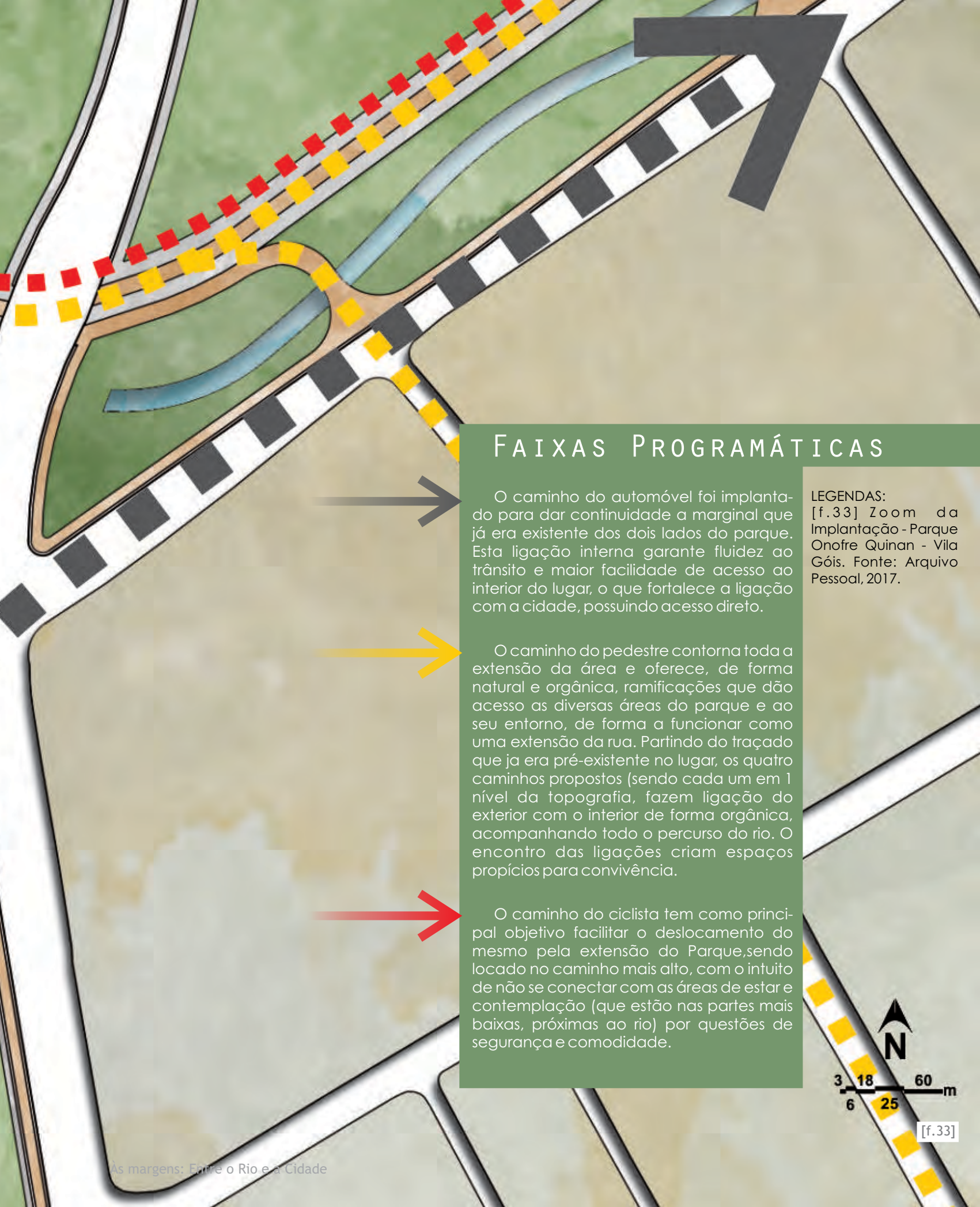
3 18 60
6 25 m



CAMINHOS



FAIXAS PROGRAMÁTICAS



O caminho do automóvel foi implantado para dar continuidade a marginal que já era existente dos dois lados do parque. Esta ligação interna garante fluidez ao trânsito e maior facilidade de acesso ao interior do lugar, o que fortalece a ligação com a cidade, possuindo acesso direto.

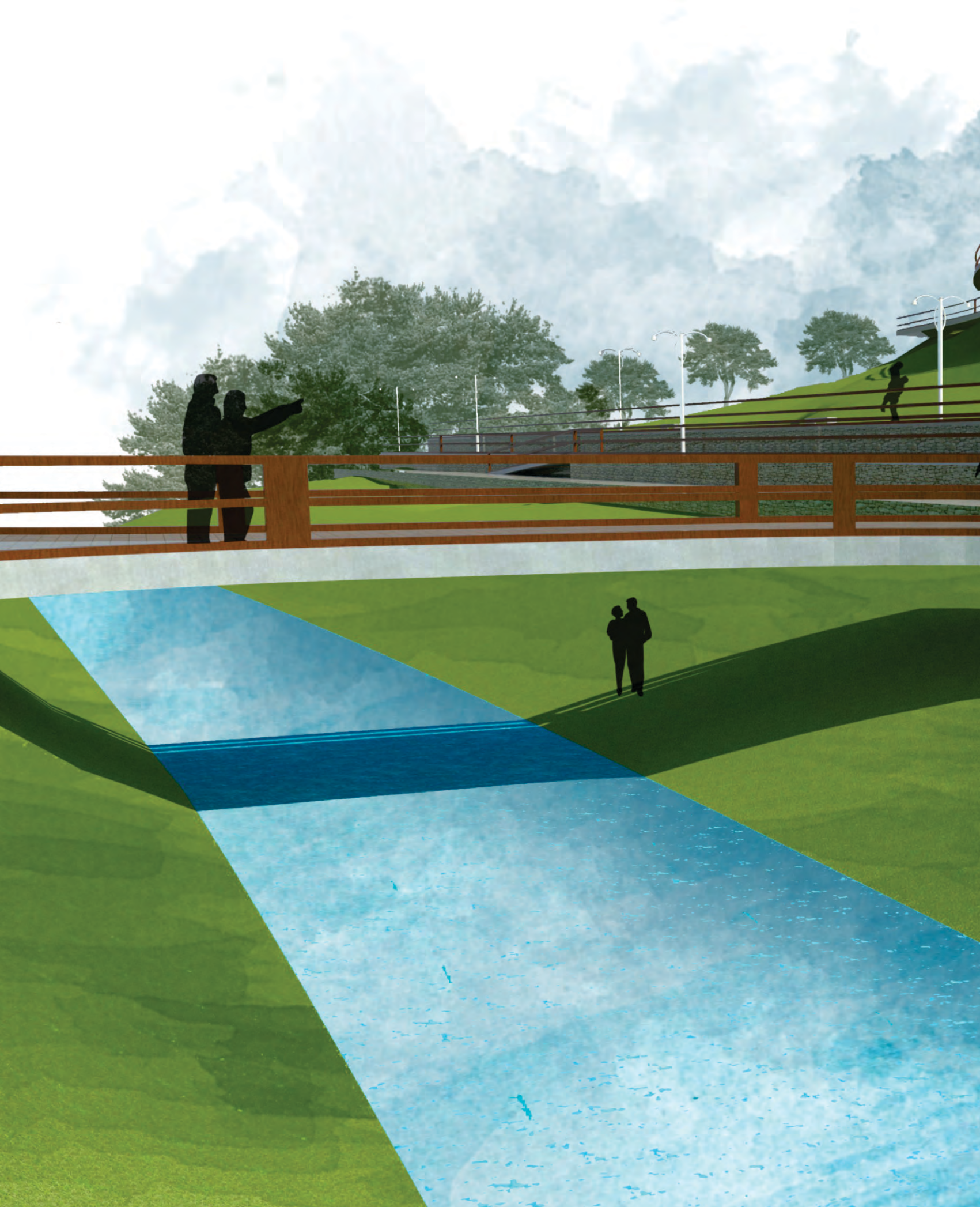
O caminho do pedestre contorna toda a extensão da área e oferece, de forma natural e orgânica, ramificações que dão acesso as diversas áreas do parque e ao seu entorno, de forma a funcionar como uma extensão da rua. Partindo do traçado que já era pré-existente no lugar, os quatro caminhos propostos (sendo cada um em 1 nível da topografia, fazem ligação do exterior com o interior de forma orgânica, acompanhando todo o percurso do rio. O encontro das ligações criam espaços propícios para convivência.

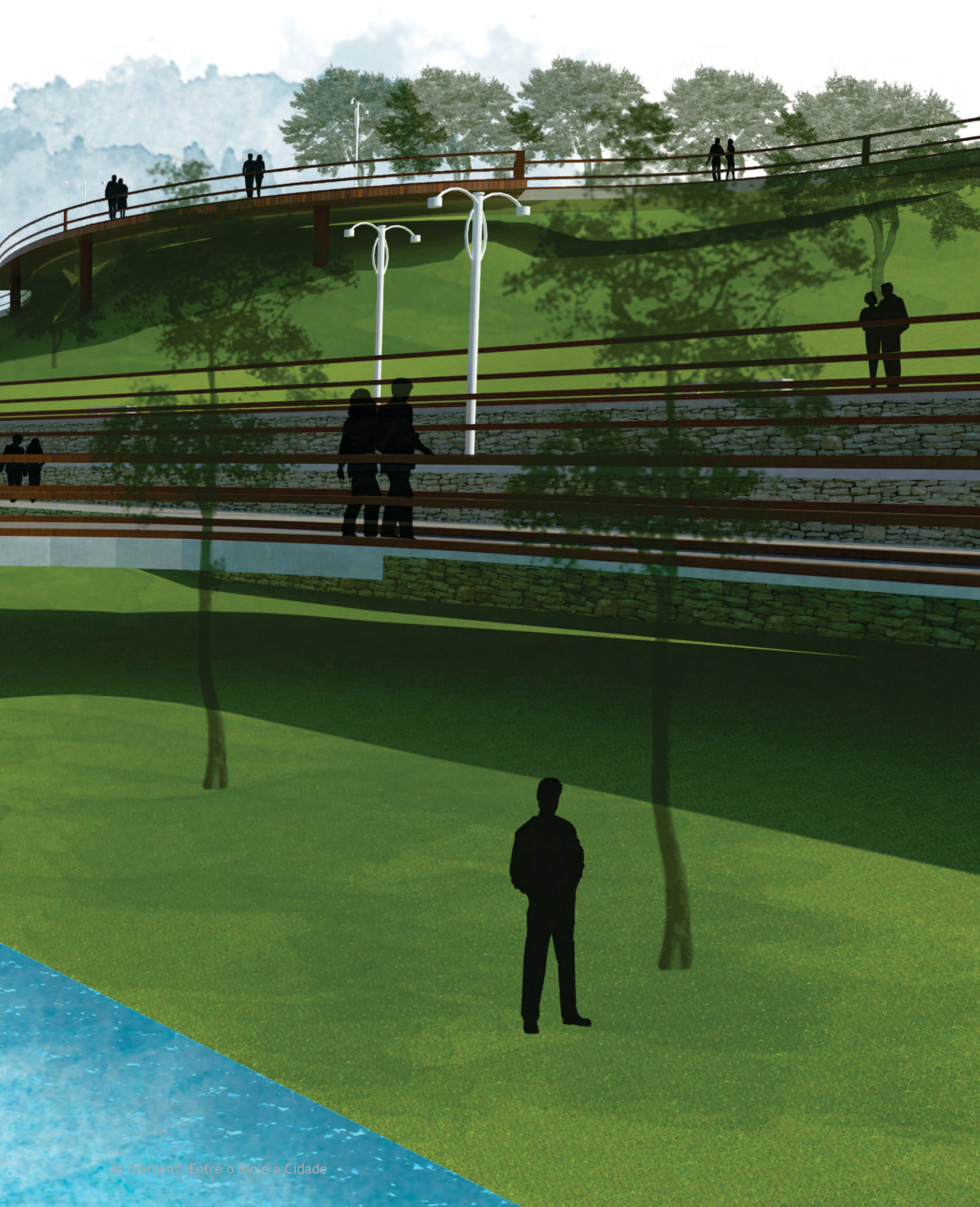
O caminho do ciclista tem como principal objetivo facilitar o deslocamento do mesmo pela extensão do Parque, sendo locado no caminho mais alto, com o intuito de não se conectar com as áreas de estar e contemplação (que estão nas partes mais baixas, próximas ao rio) por questões de segurança e comodidade.

LEGENDAS:
[f.33] Zoom da Implantação - Parque Onofre Quinan - Vila Góis. Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.



[f.33]





IMPLANTAÇÃO GERAL





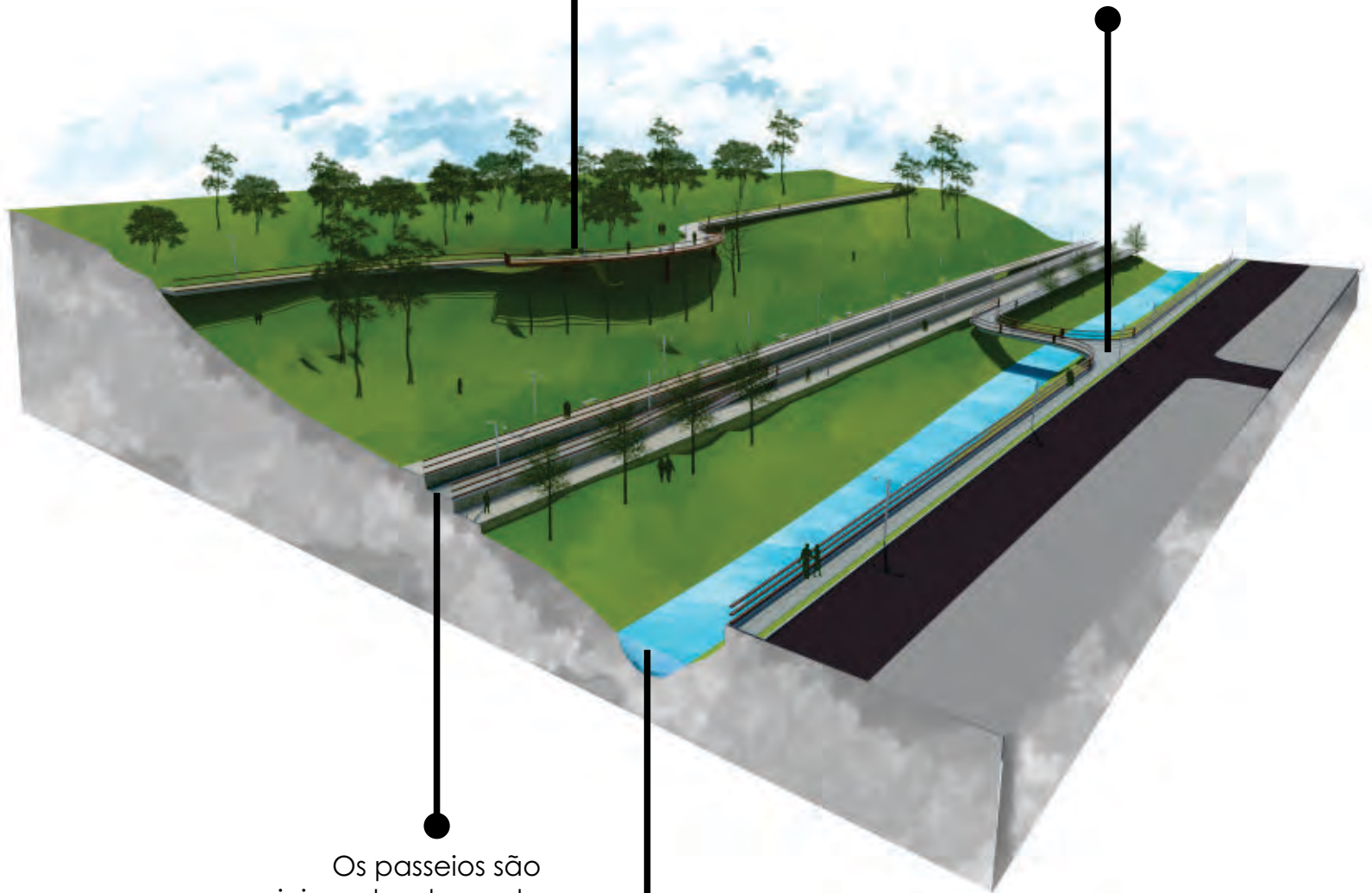
- A** Playground infantil
- B** Edifício Cobertura
- B** Salas para conferencias / exposições
- B** Posto Policial
- B** Banheiros 1
- C** Núcleo de Preservação Ambiental
- D** Quiosques/Deck
- E** Pista de Corrida
- F** Redário
- G** Mirantes
- H** Feira da Marreta/Centro Comercial
- H** Banheiros 2
- I** Estacionamentos

G TRECHO EXEMPLO

Trecho que se repete ao longo do rio configurando a proposta de parque linear

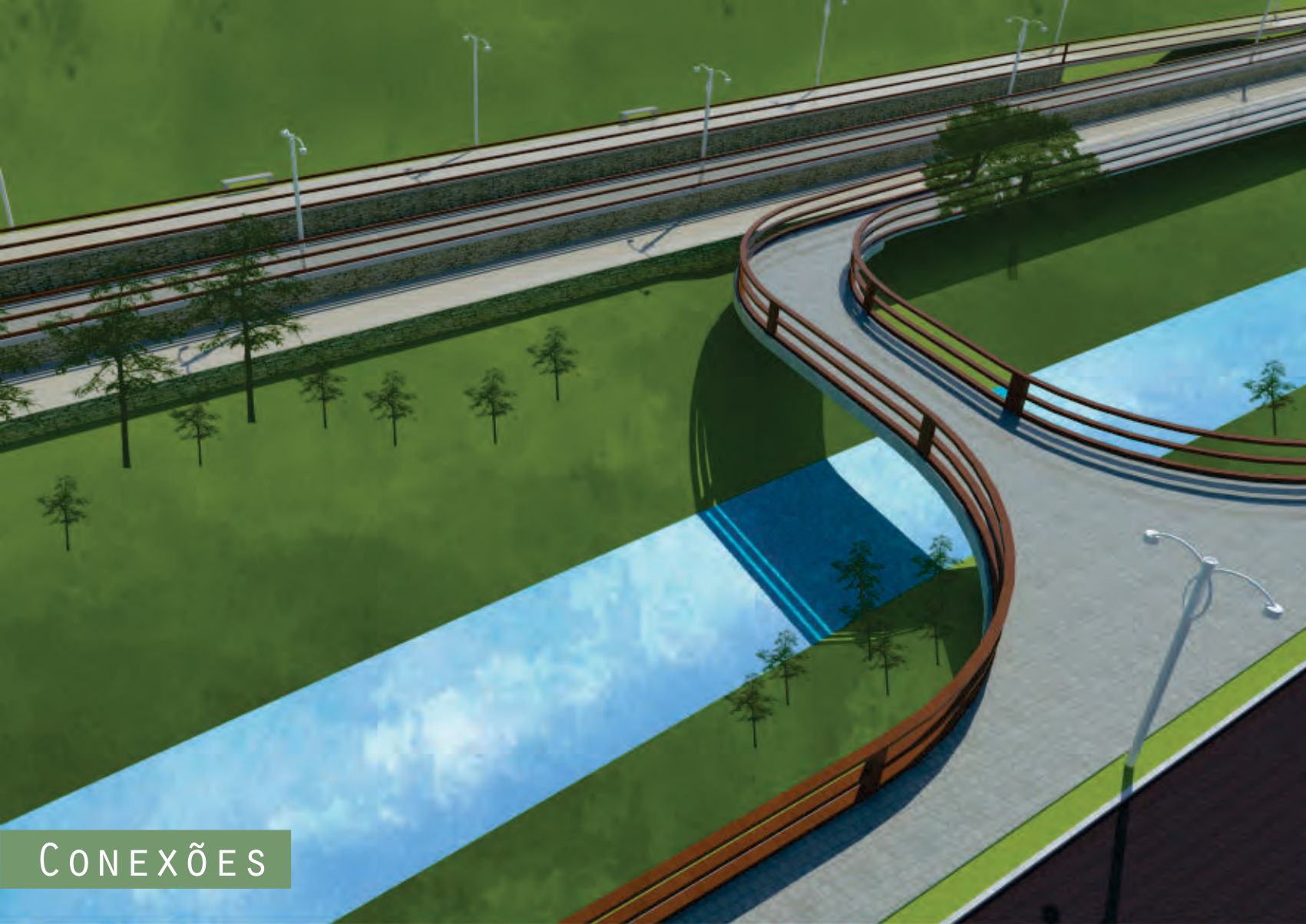
Mirante
unificando passeio e estar
Altura adequada para contemplação de todo o trecho

As pontes de ligação entre
um lado e outro do rio funcionam
como uma extensão da rua



Os passeios são
posicionados de modo
que se adequem a topografia,
acompanhando o desnível natural

O rio ganha forma natural,
descanalizado, sendo responsável
por desenhar todo o trajeto do parque



CONEXÕES



CAMINHO CONTÍNUO

Às margens: Entre o Rio e a Cidade

CORTE AA

Relação: Edifício + Curso d'água

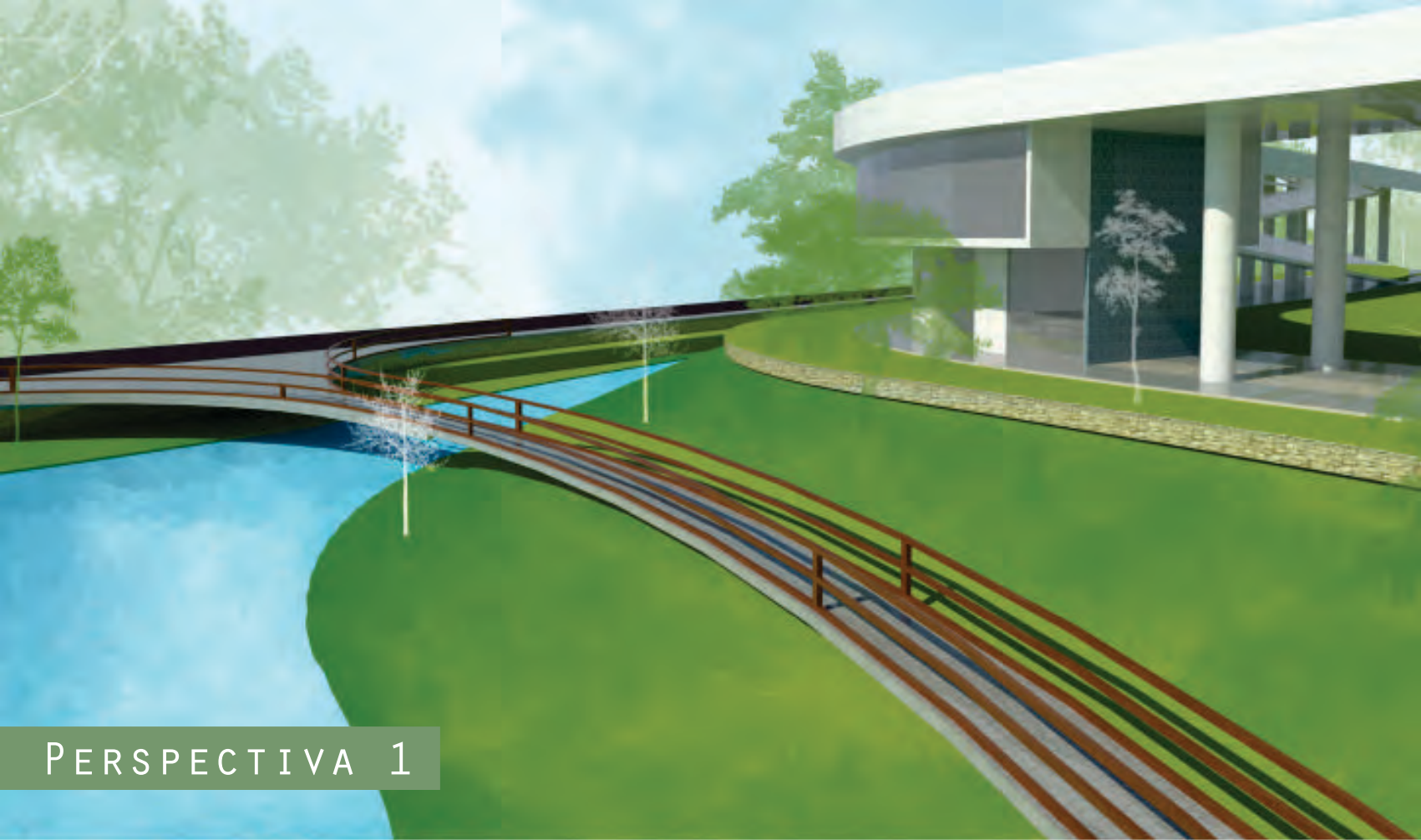


CORTE BB

Relação: Quiosques + Parque







PERSPECTIVA 1



PERSPECTIVA 2



B IMPLANTAÇÃO DO EDIFÍCIO PROPOSTO

As margens: Entre o Rio e a Cidade



CORTE CC

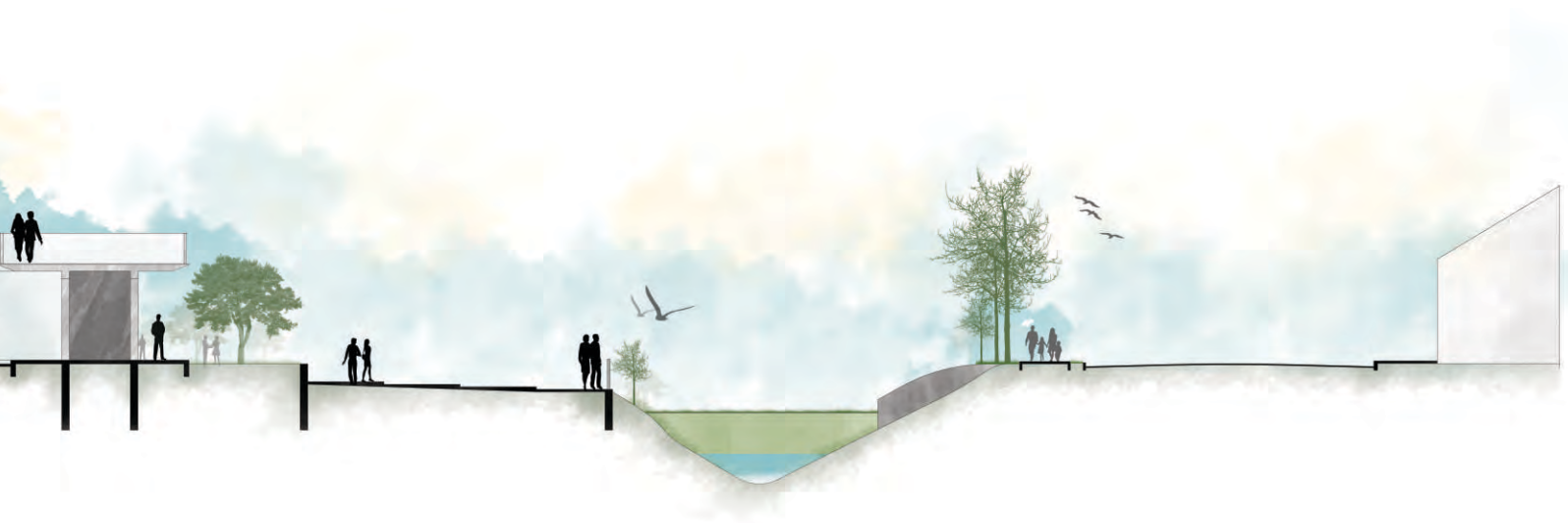
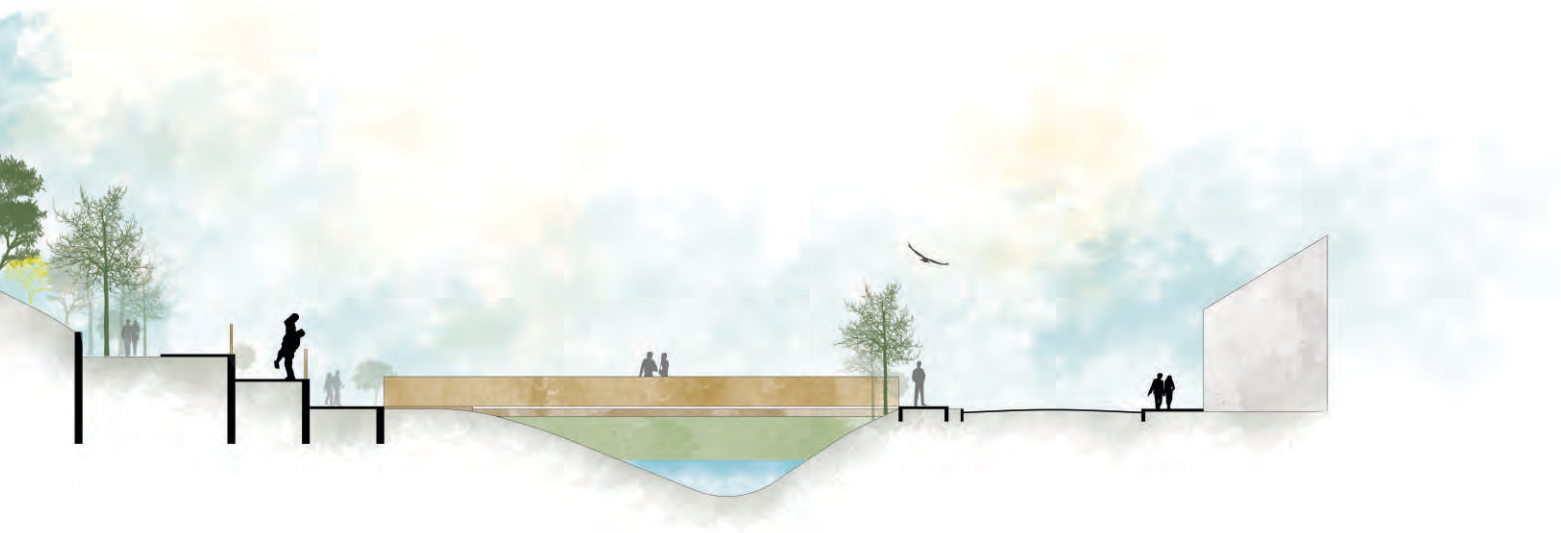
Relação: Apropriação das margens + Cidade



CORTE DD

Relação: Feira da Marreta + Curso d'água





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX, Sun. Projeto da Praça – Convívio e Exclusão no Espaço Público. São Paulo, SENAC, 2008.

GEHL, Jan; Gemzoe, Larz; Novos espaços urbanos. Editora Gustavo Gili, português- 2002, 264 p.

VERDOVELLO, Karina da Costa; Parque Linear Ribeirão Jacaré, ITATIBA- SP, 2009. 21 p.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. Parques urbanos no Brasil. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. 207 p.

MACEDO, Silvio Soares. Quadro do paisagismo no Brasil. São Paulo: FAUUSP, 1999. 143 p.

SOLÁ-MORALES. Terrain Vague, en Quaders 212, Barcelona 1996)

FRIEDRICH, Daniela. O Parque Linear Como Instrumento de Planejamento e Gestão das Áreas de Fundo de Vale Urbanas. Porto Alegre, RS [s.n.], 2007. n.p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FRISCHENBRUDER, Marisa T. Mamede; PELLEGRINO, Paulo. Using Greenways to Reclaim Nature in Brazilian Cities. Landscape and Urban Planning. n.76, p.67-78, Elsevier, 2006. IN: FRIEDRICH, Daniela. O Parque Linear Como Instrumento de Planejamento e Gestão das Áreas de Fundo de Vale Urbanas. Porto Alegre, RS [s.n.], 2007. n.p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CARDOSO, Fernanda da Silva; CARNIATTO, Irene. As Cidades Sustentáveis e os Parques Lineares: uma proposta de criação do Parque Recanto das Águas em Cascavel – PR. Artigo desenvolvido como TCC no Curso MBA em Gestão Ambiental da Universidade Federal do Paraná, 2010. Curitiba –PR. 155 p.

Projeto Técnico: Parques Lineares. ABCP – Associação Brasileira de Cimento Portland, 2014.

BARBIERI, Maria Cecília Gorski. Rios e Cidades: ruptura e reconciliação. São Paulo: editora SENAC, 2010. 23 p. 31 p. 32 p.

